

A AGRO-INDÚSTRIA EM CAMPINAS: UM ESTUDO DE CASO - O CURTUME CANTUSIO

Laci de Carvalho Alvite

cacissa@gmail.com

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

A AGRO-INDÚSTRIA EM CAMPINAS: um estudo de caso – o CURTUME CANTUSIO

RESUMO: O objetivo deste trabalho é tratar da questão da industrialização na cidade de Campinas no início do século XX e empreendida por imigrantes italianos. Pretende-se mostrar que a imigração foi consequência de diversos fatores tanto internos quanto externos ao Brasil como a Abolição da Escravidão e a 2ª Revolução Industrial na Europa. Também se entende que estes fatos propiciaram uma evolução econômica e social, mormente do trabalho, no Brasil, culminando com o incremento do processo de industrialização brasileiro com a formação de uma classe de trabalhadores e consumidores de produtos e moradia urbanas. Ilustrando este processo é abordado o caso emblemático do Curtume Cantusio, empresa industrial fundada por um imigrante italiano Felipe Cantusio que durou 8 décadas sendo gerida pelos seus continuadores e familiares posteriormente. Também é abordada a questão da evolução urbana no momento em que o cidadão se apropria de seu espaço almejando melhor qualidade de vida para a sociedade.

Palavras chave: *industrialização, imigração, meio ambiente e trabalho.*

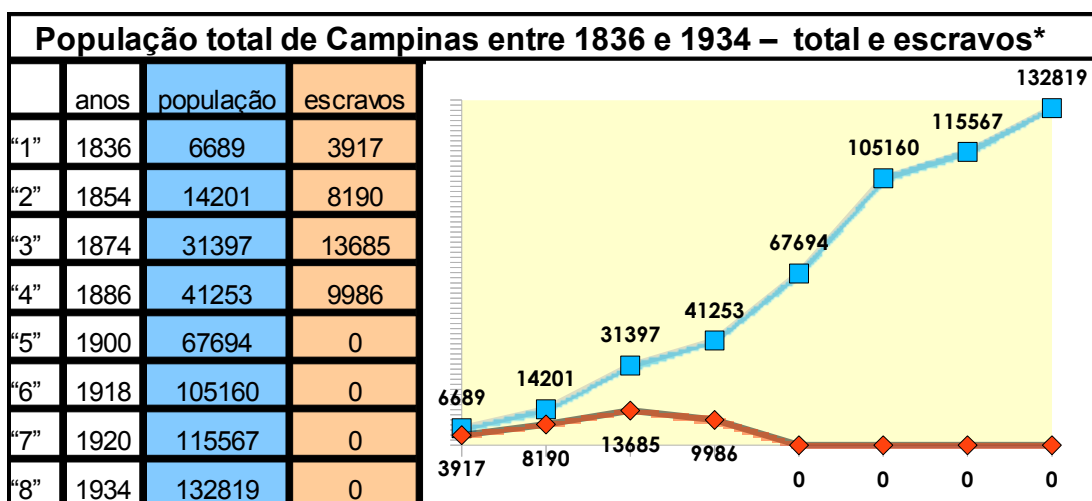
CAMPINAS NA VIRADA DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉC. XX

Na segunda metade do séc. XIX Campinas passava por transformações econômicas, políticas e sociais profundas.

A economia se baseava na cafeicultura voltada para o mercado externo, o “ouro verde” como era chamada. O sistema de trabalho adotado nas fazendas estava em transição e passava da escravidão para o sistema de colonato que utilizava a mão de obra dos imigrantes, principalmente europeus.

O surto imigratório ocorrido foi provocado pela Revolução Industrial europeia já que em seus países de origem os egressos do campo não conseguiam trabalho nos centros urbanos industrializados e o campo, mecanizado, já não lhes oferecia tantas oportunidades de emprego. Em vista disto eles vieram para o Brasil a fim de substituir a mão de obra escrava na lavoura.

Tabela 1



*este levantamento inclui Souza, V. Americana (exceto em 1934), Valinhos, Cosmópolis, e Sumaré

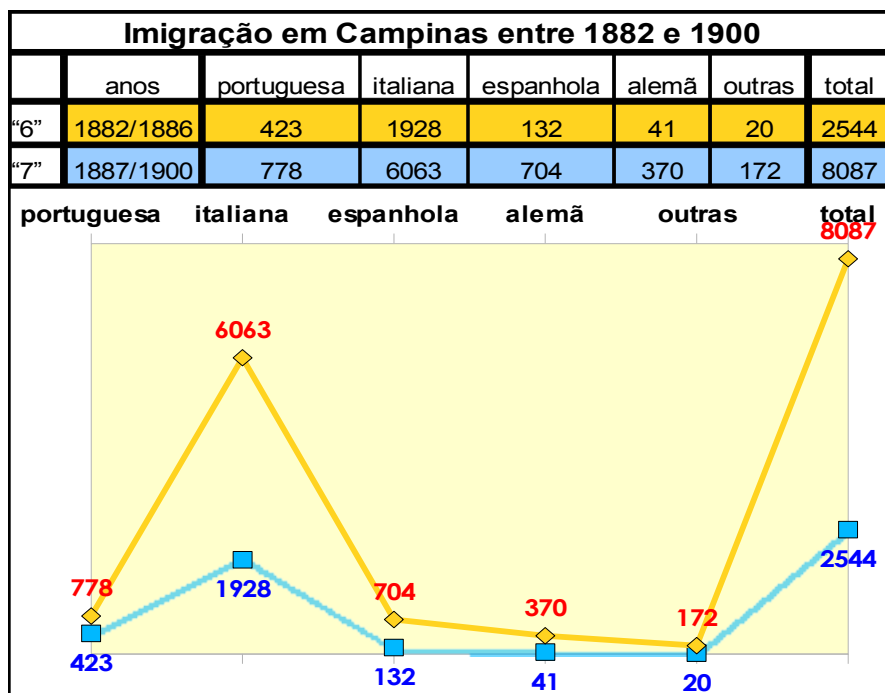
Por esse gráfico entende-se que o sistema de mão de obra escrava em Campinas já entrara em declínio mesmo antes da Lei Áurea ter sido assinada pela Princesa Isabel (itens “3” a “4”).

Quando finalmente se deu a Abolição da Escravidão, em 13 de maio de 1888, escravos e imigrantes, vindos do campo após conseguirem juntar algum capital trabalhando no campo, afluíram ao centro urbano em busca de trabalho, ocasionando uma crise de moradia e de consumo. A população se adensava repentinamente. Em 14 anos (entre 1886 e 1900) a população campineira cresceu 32% (vd. Tabela 1), apesar do surto epidêmico da febre amarela dos anos 1889 ocasionado pela falta de infraestrutura sanitária e de abastecimento de água potável mais as péssimas condições de arejamento e insolação das habitações. Na falta de opção as pessoas passaram a ocupar cômodos exíguos com suas famílias, o que agravou mais ainda a situação de insalubridade em que viviam, e a dividir espaços onde atividades de lavagem de roupas, e higiene pessoal eram disponíveis somente em regime de uso comunitário. Surgiram os cortiços e as vilas operárias

1) **BAENINGER**, Rosana- Espaço e Tempo em Campinas: migrantes e a expansão do polo industrial paulista – CEMO - UNICAMP- Col. Campiniana – 1ª ed.- 1996-pg.24 e 34

Conforme dados da *tabela 2*, o número de imigrantes praticamente triplicou entre 1886 e 1900, após a abolição da escravatura. Entre eles a maioria era de italianos (74%).

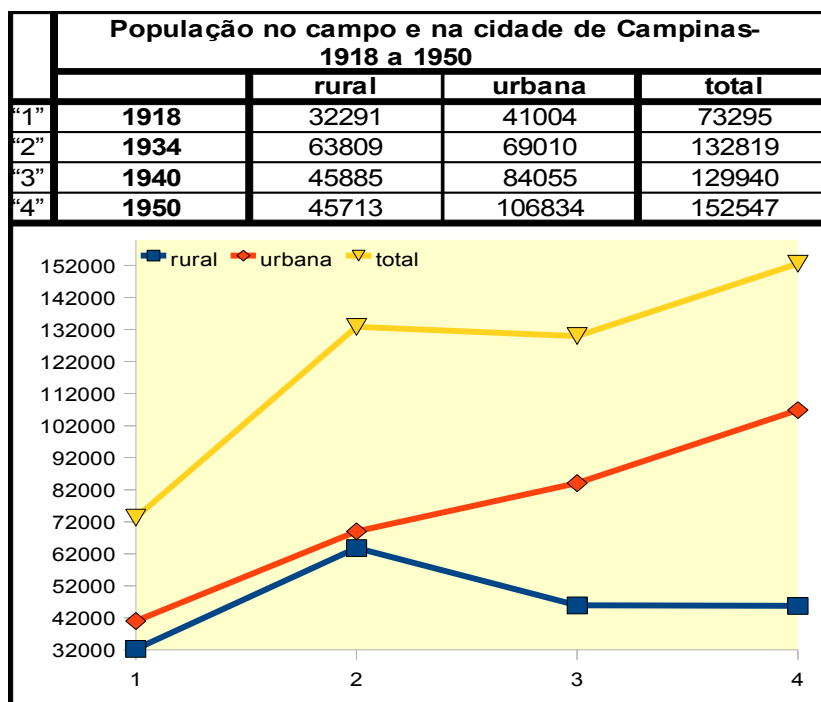
Tabela 2 ²



Fonte: livros de registros da Hospedaria dos Imigrantes ESP (BAENINGER, 1996; 31)

O cafeicultor permanecia mais tempo no centro urbano, a imigração se intensificava, fazendo surgir na cidade um grande número de artesãos e trabalhadores da construção civil, uma classe média de trabalhadores urbanos mais qualificados. Com isso, o comércio se intensificou e os comerciantes se instalaram na rua São José, depois chamada rua 13 de maio, que se desenvolveu muito pois ela fazia a ligação entre a Estação Ferroviária, inaugurada em 1872, e o centro da cidade. Pela ferrovia chegavam os produtos importados e saíam os exportados.

Tabela 3 ³



Fonte: Censo Escolar de 1934 e Censos Demográficos de 1940 e 1950- IBGE- (BAENINGER, 1996;34,35,42)

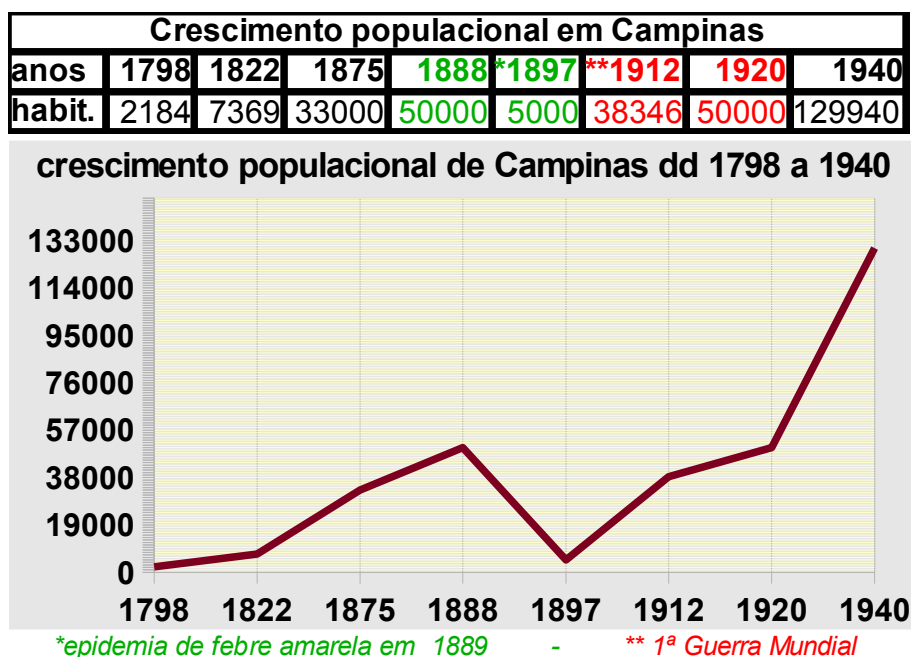
2) BAENINGER, Rosana - op. Cit. Pgs 31

3) BAENINGER, Rosana - Op. Cit. - pg.35 e 42

Na segunda década do séc. XX a Europa entrou em nova crise após a Primeira Grande Guerra (1914-1918), o que a predispôs a apresentar maiores contingentes de imigrantes com intenção de se dirigir ao Brasil.

Em 1918 a população campineira total chegava a 73.295 habitantes sendo que 41.004 (55,94%) moravam no centro urbano e os 32.291 restantes na zona rural (44,06%). Em 1920 Campinas tinha uma população total de 78.798 habitantes sendo 68,5% brasileiros (63.069 habitantes) e 15.729 estrangeiros (31,5%) segundo censo demográfico do IBGE do mesmo ano.

Tabela 4 ⁴



A população urbana tinha outras necessidades, e ampliadas. Surgiram os bancos, os hotéis, as casas comerciais para venda de peças do vestuário como roupas e chapéus, sapatos, livros, máquinas agrícolas, gêneros alimentícios e bebidas, etc. O convívio social foi incrementado. Nesta época Campinas contava com seis cinemas e dois teatros.

Na cidade já se iniciava o processo de especialização na ocupação do espaço à mercê das demandas do mercado - zonas residenciais, comerciais, industriais, de serviços e zonas residenciais para população de baixa renda. O capital excedente auferido com a cafeicultura era aplicado também no setor imobiliário, tanto para moradia própria quanto para a construção de residências para locação. O poder público patrocinou o desenvolvimento deste setor criando medidas de subsídio para a construção civil. Loteamentos eram feitos uns distantes dos outros, onerando o poder público que precisava suprir a região com infraestrutura de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, iluminação, transporte público, construindo uma rede muito extensa e subutilizada nos vazios entre um bairro e outro.

A crise europeia adquiriu proporções mundiais ao atingir a bolsa de Nova Iorque, culminando com o conhecido “crack da bolsa de Nova Iorque de 1929”, quando houve enorme alteração no sistema monetário mundial.

4) *BAENINGER, Rosana- op. Cit. Pg.22,24,34, 35 e 42*

No Brasil a economia agrário-exportadora baseada na então monocultura cafeeira foi atingida diretamente, o que contribuiu para que os cafeicultores direcionassem seus investimentos para o setor industrial.

Segue-se, por conseguinte, o incremento à industrialização, já existente em Campinas, mas que atinge proporções maiores, e à constituição de uma classe média composta de capitalistas e profissionais liberais do setor de serviços médicos, de engenharia e construção civil.

A eles juntavam-se os imigrantes enriquecidos aqui, também com a lavoura, ou os recém chegados mas que passaram então a se dedicar às atividades industriais ou de comércio. Estes imigrantes dominavam tecnologias trazidas da Europa em diversas áreas: metalurgia, tratamento e curtição do couro para sapatos e acessórios, produção de tecidos devido ao cultivo do algodão introduzidos pelos americanos na Vila Americana (desde 1924 cidade de Americana) e que pertencia a Campinas na época, onde se instalou a famosa fábrica da casimira “Carioba”; fundições, fábricas de chapéus como a “Chapéus Cury”, de 1920, só para citar alguns exemplos.

Alguns fatores que contribuíram para a industrialização em Campinas:⁵

- a proximidade de São Paulo
- a facilidade de transporte propiciada pelo entroncamento ferroviário já instalado
- a introdução da energia elétrica
- a boa infraestrutura existente
- as boas condições de vida urbana da cidade
- o custo de vida favorável
- os salários inferiores aos pagos na Capital
- os incentivos municipais de isenção de impostos
- facilidades na aquisição de terrenos para a instalação das indústrias

O CORTUME CANTÚSIO S/A

A abordagem deste Patrimônio é importante porque, além de apresentar documentação suficiente e acessível, traz à tona um assunto que tem sido pouco estudado - o Patrimônio Industrial.

O material coletado proporcionou o aprofundamento no estudo do sistema de trabalho que se instaurou poucos anos após a Abolição da Escravidão no Brasil, o sistema de produção fabril durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o sistema familiar de administração que extraordinariamente durou cerca de 80 anos, ou seja, durante 3 gerações da família Cantusio, e que trabalhava no negócio da família, o que não é muito comum, o próprio processo de beneficiamento do couro e seus equipamentos, a forma de comercialização e extensão do mercado que atingiu, a otimização no uso dos recursos energéticos e materiais.

Seu fundador foi Fellipe Cantusio, imigrante italiano nascido em Veneza, em 1870, e que chegou no Brasil em 1895. Aportando em Santos, ele dirigiu-se a Limeira em visita a amigos e lá

5) **BADARÓ**, Ricardo de Souza C.-“Campinas, O Despontar da Modernidade”- pg.34– Col.Campineira 7–UNICAMP–CEMO–1996- 5

permaneceu até 1898, trabalhando num pequeno Cortume em Tatu sob a orientação do belga Paul Tisson, técnico em beneficiamento de couro, com quem iniciou seu aprendizado na técnica de trabalhar o couro. Em 1900 foi para Campinas trabalhar na Cia. Curtidora Campineira como assistente do mesmo belga. Posteriormente trabalhou nos Cortumes de: Bartocili & Marchi em Pinhal, 1904, e depois pertencente à família de Pedro Corsi (1961), de Franciosi & Cunali, em Mococa, retornando à Cia Curtidora Campineira como assistente do químico sr. Rodeck, famoso como curtidor, entre 1909 e 1911, quando fundou seu próprio cortume, o Cortume Paulista, que posteriormente foi chamado R.Cantusio & Cia (1926) e transformado em sociedade anônima em 1938 com a denominação de Cortume Cantusio S/A.⁶

O núcleo inicial da firma foi instalado num terreno comprado por 200\$000 na Vila Industrial à beira do córrego Piçarrão com a rua da Árvore. Atualmente esta é a rua Dr. Carlos de Campos, e no nº 1033 estava o 1º prédio com a área de 100 m², construído em agosto de 1911.



Cortume Paulista na rua Dr. Carlos de Campos, nº 1033 – V. INDUSTRIAL - Foto1: acervo de LEDA MARIA CANTUSIO

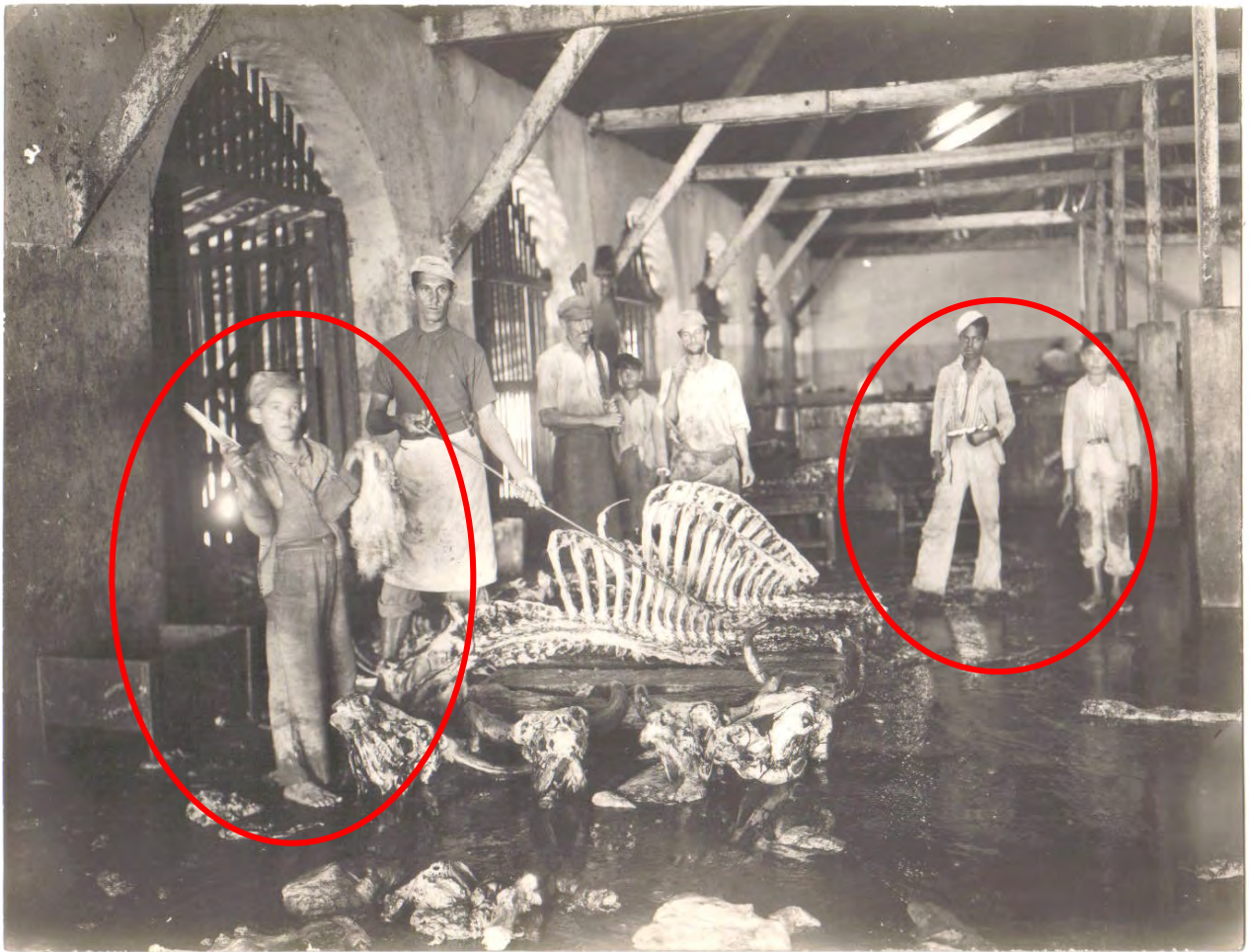
A QUESTÃO SOCIAL

No início eram 4 funcionários e um escritório, incluindo Felipe Cantusio e eram produzidas somente vaquetas ao tanino e solas. Felipe Cantusio não frequentara uma escola técnica, seu aprendizado se dera todo na prática, como já se viu e como era comum na época no Brasil. Em 1914 foi feita a primeira reforma do prédio com pequena ampliação.

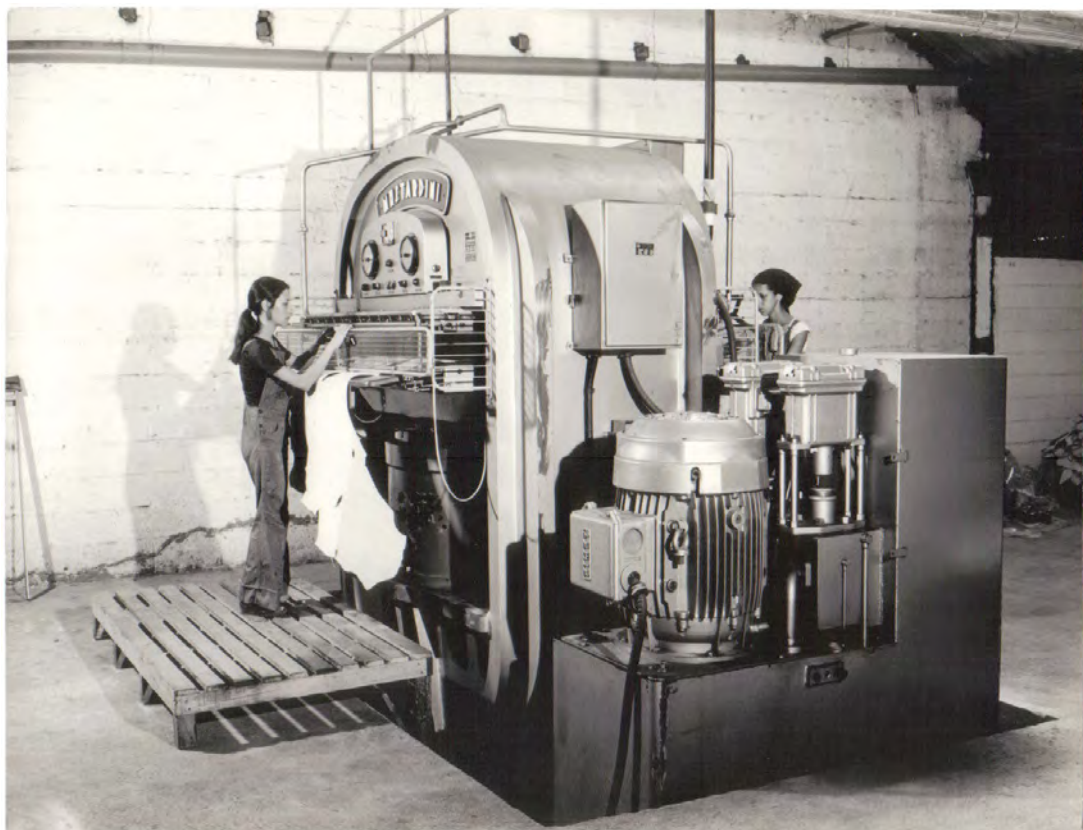
A foto 2 mostra o sistema de trabalho na fábrica no início, provavelmente na 2ª década da inauguração da fábrica (1921). Vê-se em primeiro plano tres crianças com facões nas mãos, descalças, duas ao fundo sendo uma negra e outra em primeiro plano, trabalhando na etapa da descarnagem da pele do boi e pedaços de carne e restos de gordura espalhados pelo chão.

Em contraste com a situação de 1920, temos as fotos 3 e 4, da última fase dos trabalhos no chão da fábrica do Cortume, embora a maioria das funcionárias fôsse do sexo feminino e provavelmente recebessem salário menor:

6) *“O SOLADO”- Revista da Indústria e do Comércio de Calçados e Couros -pg.2 e 3 - ed.Comemorativa do cinquentenário do Cortume Cantusio S/A – 1911/61- agosto 1961*

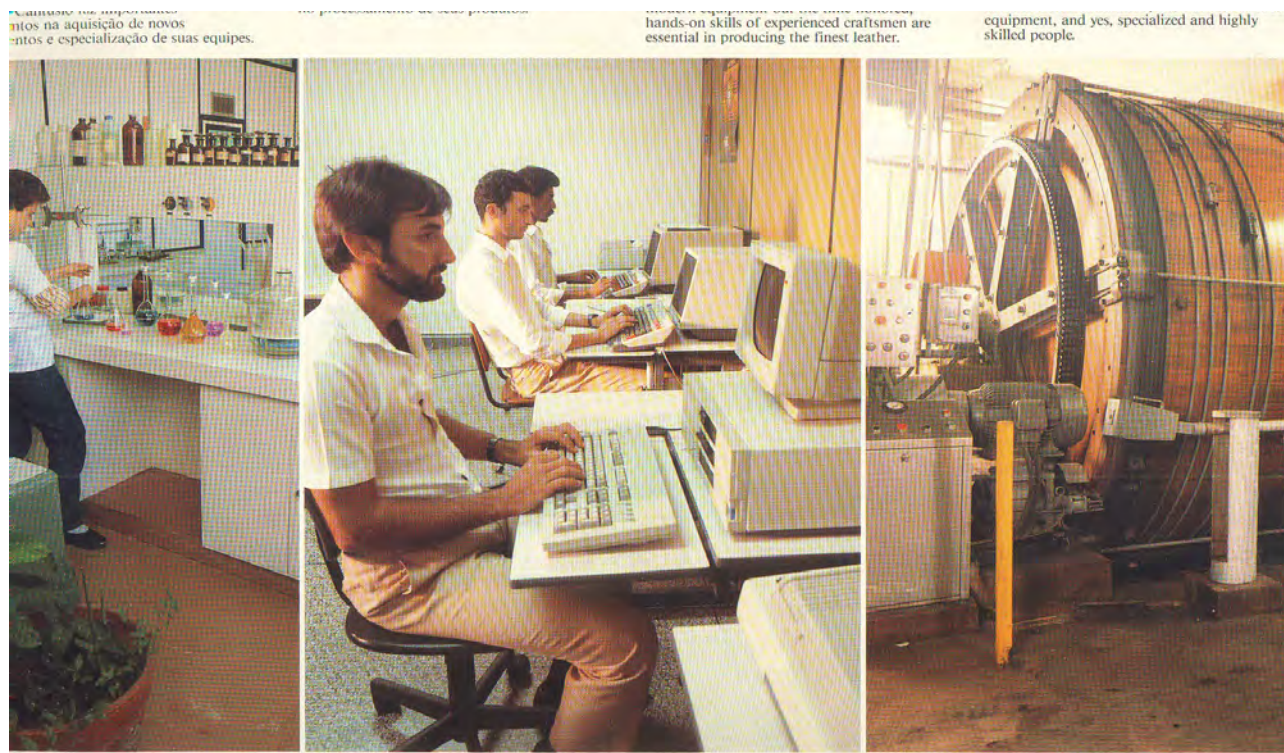


Chão da fábrica do Cortume Paulista em 1920 (aprox.) Foto 2: acervo de LEDA MARIA CANTUSIO



Chão da fábrica do Cortume Paulista. Foto 3: acervo de LEDA MARIA CANTUSIO

Além de estar bastante automatizada e informatizada, as condições de higiene e de trabalho dos funcionários era completamente outra. Eles tinham aí, para si e seus familiares, assistência médica e dentária, inclusive na própria fábrica em caso de acidente, restaurante, escola para seus filhos da própria fábrica e que ficava em frente ao prédio do Cortume, além de alfabetização de adultos.



*Laboratório de pesquisas e testes, sala de escritórios e tamborões com painel de controle automático no Cortume
fonte e foto 4: catálogo ilustrativo do Cortume década de 1980*

A QUESTÃO AMBIENTAL

Mas antes de chegar a este estágio os dirigentes do Cortume Cantusio S/A tiveram que superar também a oposição dos habitantes do bairro e se uniram em condomínio com os proprietários Cortume vizinho, o Cortume Firmino Costa, para construir uma Estação de tratamento de águas residuais na região (vd. Foto 5), em 1960, e que consistia de:

- gradeamento para retirada dos sólidos grosseiros, principalmente carnaças⁷
- retenção do sebo em tanques separadores de gordura
- mistura e homogeneização dos despejos
- decantação dos lodos mais pesados
- lançamento das águas tratadas em regime de vazão constante
- secagem dos lodos

Os resíduos químicos não eram tratados. A Estação teve tratamento paisagístico com plantas ornamentais e eucaliptos para reflorestamento plantados e a manutenção era feita em condomínio e trabalhavam sem ruídos ou cheiro. Foram investidos Cr\$5 milhões nesta Estação na época

⁷)“O SOLADO” Revista da Indústria e do Comércio de Calçados e Couros -pg.2 e 3 - ed.Comemorativa do cinquentenário do Cortume Cantusio S/A – 1911/61- agosto 1961- pg.21

Em 1997, os moradores do bairro haviam fundado o Movimento Vila Verde e reuniram-se com o secretário de obras e vice-prefeito da cidade, o sr. Antonio da Costa Santos, para discutir o problema das enchentes causadas pelo córrego Piçarrão e da poluição gerada pelos Cortumes – moscas e mau cheiro. Estes eram, então, dois: o Cortume Cantusio S/A e o Cortume Firmino Costa, cada um de um lado do córrego. Os moradores se baseavam na Lei de Zoneamento da cidade que qualificava a região em zonas 05, 11 e 12, que não admitiam indústrias incômodas na região, nem com equipamentos para tratar detritos. Os proprietários alegavam direito adquirido e também mantinham seus terrenos nas circunvizinhanças dos Cortumes.

As enchentes aconteciam em virtude da obra feita pelo município: de canalização do córrego num trecho, o que provocou o aumento da vazão e da velocidade de suas águas que, chegando no trecho que ladeava os Cortumes, encontrava um gargalo e transbordava. Isso acontece até os dias de hoje, não foi solucionado.

Os integrantes do Movimento Vila Verde conseguiram que fosse dado um prazo aos Cortumes para que tivessem encerradas suas atividades no local, seu lema era:

–" Se você quer uma vida saudável e segura, não mude da Vila, ajude a tornar a Vila Verde!"

Resgate de cidadania que resultou realmente numa requalificação do bairro, que hoje apresenta certa qualidade de vida com praças e ruas arborizadas.

Os proprietários do Cortume Cantusio possuíam também 3 fazendas para a produção do tanino extraído da casca do vegetal acácia negra para o tratamento do couro que beneficiavam. Uma delas era a Fazenda das Acácias. Para se ter uma ideia, para produzir 1kg de tanino eram necessários 6kg de cascas da planta e a casca de angico custava na época \$800 a @ e a do barbatimão 1\$300, que eram outros dois vegetais também utilizados para a produção do tanino, e a sola fabricada custava 3\$000/kg. Para a produção courífera do Cortume nesta época, a produção atingida nas fazendas não era suficiente. Entretanto as plantações das fazendas eram consideradas pelos proprietários uma compensação ambiental devido à grande poluição ambiental que causava o beneficiamento do couro.



Ao fundo o Cortume Cantusio atualmente; ao lado o córrego Piçarrão. À esquerda da foto, na frente, as ruínas da Estação de tratamento de águas servidas dos Cortumes, atualmente abandonados. O Cortume Cantusio está em vias de ser tombado pelo Patrimônio Histórico do Município de Campinas. Foto 5:

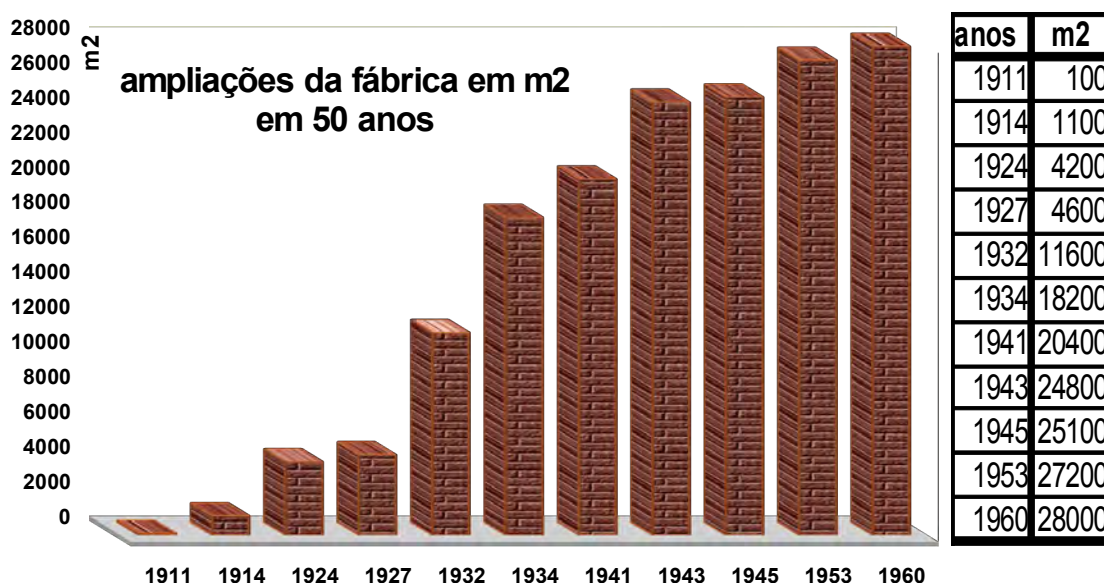
EVOLUÇÃO DO CHÃO DA FÁBRICA

Em 1924 os Cantusio Roberto, Augusto, José e Ângelo deram seguimento ao Cortume e em 1926 foi feita a primeira ampliação das instalações sendo acrescidos 8.000 m² de construção em dois pisos de construção. A estrutura foi projetada com perfis metálicos, as vedações em alvenaria com envazaduras em arco abatido. Nesta época eram 70 operários que produziam 60 mil peles tratadas / ano ou 900 mil kg de peles / ano que necessitavam de 1.500.000 kg / ano de extrato de tanino para serem beneficiadas. A título de comparação, em 1970 a produção era de 30 mil peles tratadas/mês.



1ª ampliação do Cortume Paulista - Foto 6: acervo de LEDA MARIA CANTUSIO

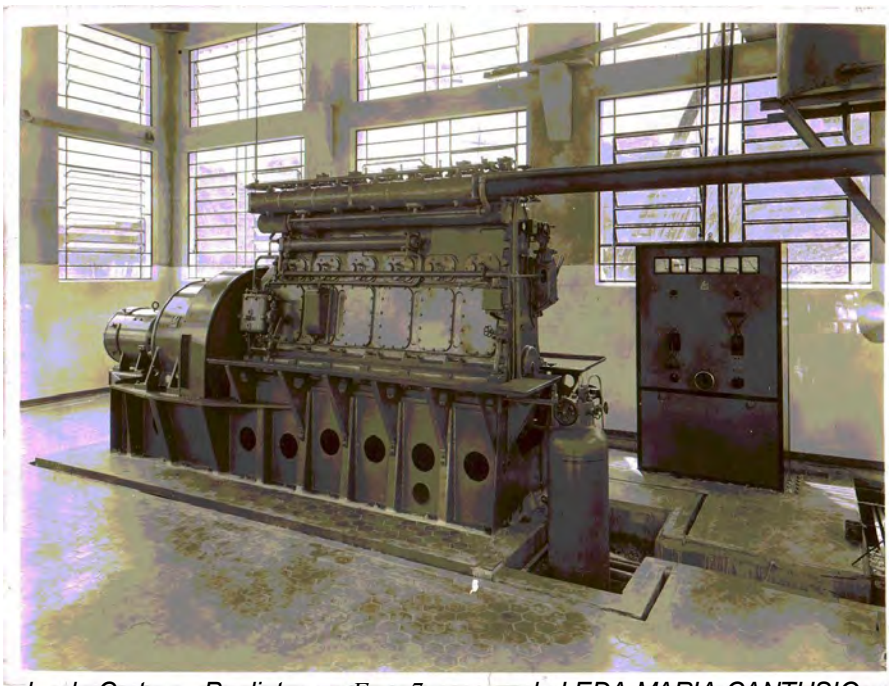
Daí em diante passou por sucessivas ampliações, conservando as mesmas características de fachada, até o ano de 1990 quando contava com 28.000 m² de área, sendo 15.000 m² de área construída.



Fonte: "O SOLADO" - Revista da Indústria e do Comércio de Calçados e Couros-pg.2 e 3- ed.Comemorativa do cinquentenário do Cortume Cantusio S/A - 1911/61- agosto 1961

Em 1926 o Cortume recebeu outra denominação, a de R. Cantusio & Cia e em 1938 tornou-se sociedade anônima sob a marca – Cortume Cantusio S/A. Desde 1939 o CURTUME CANTUSIO S/A exportava para a Inglaterra, França, EUA, Austrália, Finlândia, Holanda, Suécia, Alemanha, África do Sul, Itália, Taiwan, Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura, etc.⁷ Em 1982 chegou a exportar 2930 t de produtos entre manufaturas e pele tratada.

Em 1961 era usado sistema próprio de geração de energia conforme ilustra a foto seguinte:



gerador do Cortume Paulista - Foto 7: acervo de LEDA MARIA CANTUSIO

Como se pode observar, um só eixo rotacionava as engrenagens de várias máquinas colocadas em série, isso era um interessante sistema de otimização do uso da energia.



Máquinas do Cortume Paulista em trabalho - Foto 8: acervo de LEDA MARIA CANTUSIO

CONCLUSÕES

Enfim, foi representativa da indústria nacional e atravessou diversos períodos da História nacional e mundial – 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o governo de Getúlio, o desenvolvimentismo de JK e o governo militar de 20 anos, mais voltado para a indústria internacional.

Expandiu-se pelo Brasil e chegou a exportar para a Europa, Ásia e EUA. Teve representantes em Novo Hamburgo (RS), Curitiba (PR), Rio de Janeiro, São Paulo – capital e interior, Recife(PE), Salvador(BA)⁸.

Foi uma empresa que acompanhou a evolução tecnológica, social e ambiental através do tempo. No âmbito da região teve influência econômica e social e deixa este legado materializado na sua sede, e como referência a chaminé, que também deverá ser preservada. Seu fundador mostrou perseverança e o espírito de empreendedorismo do imigrante italiano que chegou ao Brasil em fins do séc. XIX e início do séc. XX.

Na década de 90 encerrou suas atividades, como foi o caso de outras indústrias e metalúrgicas campineiras existentes na época nas circunvizinhanças.

Aliás no local há outros prédios remanescentes do processo de industrialização ocorrido no início do séc.XX – o prédio do Cortume Firmino Costa e de uma indústria metalúrgica . Este último e mais a linha do “VLT”, estão abandonados e encontram-se em franco estado de degradação.

BIBLIOGRAFIA

- 1) **BADARÓ**, Ricardo de Souza C.- “Campinas, O Despontar da Modernidade”- págs. 36, 28,44, 31/32,- Coleção Campineira 7–UNICAMP – CEMO – 1996
- 2) **BAENINGER**, Rosana- Espaço e Tempo em Campinas: migrantes e a expansão do polo industrial paulista – CEMO- UNICAMP- Col.Campiniana –1ª ed.- 1996-pg.31
- 3)“**O SOLADO**”- Revista da Indústria e do Comércio de Calçados e Couros -pg.2 e 3 - ed.Comemorativa do cinquentenário do Cortume Cantusio S/A – 1911/61- agosto 1961
- 4) **CATÁLOGO** comemorativo dos 75 anos do Cortume Cantusio – década de 1980

PESQUISAS

- no CEDOC – SMC – PMC
- internet: site do Recanto das Letras
- *google maps*

8)“**O SOLADO**”- *Revista da Indústria e do Comércio de Calçados e Couros-pg.40 - ed.Comemorativa do cinquentenário do Cortume Cantusio S/A – 1911/61- agosto 1961*